

2

A interrogação na tradição gramatical do PB e do francês

2.1 Gramáticas brasileiras para falantes nativos

Cunha & Cintra (2001) mencionam primeiramente a forma *que*, a qual seria a forma canônica para a pergunta sobre algo “quando significa “que coisa” (Cunha & Cintra, 2001 : 353). Ainda apresentam o pronome *que* seguido de substantivo com o sentido de “que espécie de”, o qual não é relevante para o presente trabalho. Mais interessante é o fato de mencionarem a forma *o que*, a qual poderia ser utilizada como forma enfática em substituição à forma simples *que*.

Os dois autores vão mais além ao mencionarem a possibilidade de serem formadas estruturas clivadas, tanto da forma canônica *que*, quanto da forma dita enfática *o que*. Isso equivale a dizer que há duas formas clivadas: *O que é que* e *que é que*. Exemplificam utilizando um autor brasileiro (Clarice Lispector) e um português (Teixeira de Pascoaes). No exemplo de Clarice Lispector, trata-se de uma fala de um personagem, o que apontaria para a coloquialidade da forma em questão: “Que é que o senhor está fazendo? gritou-lhe (C. Lispector, *ME*, 313)” (Cunha & Cintra 2001 : 354).

Em uma observação, os autores da *Nova Gramática da Língua Portuguesa* atentam para o fato de que não existe nenhuma razão para que se condene o uso anteposto de *o a que* na forma dita enfática – fato para o qual já haviam atentado Heráclito Graça e Said Ali. Tal observação deixa entrever uma polêmica que suscitou réplicas e tréplicas, a qual teve lugar no início do século passado e da qual foram protagonistas Said Ali, Heráclito Graça, de um lado, e Cândido de Figueiredo, de outro. Essa polêmica será objeto de estudo mais detalhado posteriormente.

Evanildo Bechara (1999) é bem mais sucinto ao tratar das orações interrogativas. Diz ser o pronome *que* a forma canônica, mas também afirma que “Em lugar de que pode-se usar a forma enfática o que.” (Bechara 1999 : 170).

Tal informação é bem menos detalhada que as fornecidas pela gramática elaborada pelos dois estudiosos Cunha e Cintra, e deixa entrever um conservadorismo gramatical bastante acentuado da parte de Evanildo Bechara. Ainda que seja uma gramática normativa e tradicional, seria de se esperar que mencionasse fatos da língua que já estão em franca mudança, como fizeram os gramáticos brasileiro Cunha e o português Cintra.

Em sua *Gramática escolar da Língua Portuguesa*, menciona um tipo de interrogação não-canônico quando fala de expressões expletivas ou de realce: “Quanto que é a conta?” (Bechara 2002b :481). Já em outro capítulo, tratara do que denomina *que* expletivo, dizendo que “Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde, a rigor, poderia ser dispensado.(...) Puristas têm condenado, sem razão, tais modos de dizer”(Bechara 2002b : 367).

Parece-nos incongruente da parte do autor não ter mencionado a possibilidade de uma forma do tipo pronome interrogativo + *que* no capítulo dedicado à interrogação, mas é louvável a introdução de uma exemplo como o acima, ainda que não faça nenhuma menção ao seu valor sociopragmático. Como diz que a utilização de um *que* expletivo depois de advérbios não é fato condenável, seria plausível depreender que o autor também consideraria aceitável o *que* após qualquer pronome interrogativo, como no exemplo acima citado.

Rocha Lima (1999) trata bem sucintamente dos pronomes interrogativos, dizendo que:

Paralelamente a *que* (: que coisa?), é lícito usar a forma reforçada *o que*:

- *Que* procuras aqui?
- *O que* procuras aqui?

(Lima 1999 : 117)

Não menciona outras formas do pronome *que* nesse capítulo, mas as menciona indiretamente em outros, como por exemplo, as interrogativas *in-situ*, quando fala da tonicidade:

Vocábulo normalmente átono podem tornar-se tônicos, assim como não é raro que vocábulos tônicos se debilitem em vários graus de atonicidade – tudo conforme a situação de uns e de outros nos grupos acentuais:

Exemplos:

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| a) <i>Que</i> diSSESte? | (<i>que</i> : átono) |
| Apague/ o <i>QUÊ</i> ? | (<i>quê</i> : tônico) |

(Lima 1999 : 33)

Rocha Lima não menciona as interrogativas clivadas com *é que*, mas menciona essa expressão: “Como elemento de realce, vale-se a língua da locução *é que*, idiotismo português de grande valor expressivo” (Rocha Lima 1999 : 407).

11) Na expressão idiomática - *é que* – temos exemplo, entre outros, do emprego da partícula *que* sem função lógica, a serviço da ênfase:

Nós (*é que*) erramos. Vocês (*é que*) acertaram.

(Lima 1999 : 331)

2.2 A interrogação nas gramáticas do português para estrangeiros

A *Essential Portuguese Grammar*, de Alexander da R. Prista (1996) , publicada em Nova Iorque para falantes do inglês, fala das várias possibilidades de se fazer uma pergunta em português, desde a simples entoação descendente para perguntas de polaridade sim/não, inversão do sujeito (que não é mais tão relevante para o PB)¹ até

¹ Há vários trabalhos, tanto de cunho formalista quanto funcionalista, que se debruçaram sobre esse tema, já existindo uma visão bastante ampla sobre a questão da inversão do sujeito no PB. (cf. Berlinck (1989) e Duarte (1992).

estruturas do tipo *question tags* (não é verdade?). Sobre o pronome *que*, apresenta a forma simples *que* como sendo a canônica e menciona a forma *o que* como sendo uma variante, sem falar de ênfase:

O *que* is often used instead of *que* to translate the interrogative pronoun “what”:

O *que* diz meu irmão?

What does my brother say?

(Prista, 1996 : 11)

Earl W. Thomas (1975) em sua *A Grammar of Spoken Brazilian Portuguese*, menciona as formas *que* e *o que*, sem maiores explicações de uso ou sem questionar se se trata de uma forma enfática ou não, mas tece comentários sobre a não-inversão do sujeito quando se utiliza a forma clivada com *é que*: “Very often BP uses the interrogative word followed by the phrase *é que*. The following clause is always arranged with the subject before the verb” (Thomas 1997 : 27). O objetivo do autor não é falar de como ou quando se usa a forma clivada, mas sim da inversão ou não do sujeito.

Em seu *Portuguese Verbs and Essentials of Grammar*, a autora Sue Tyson-Ward (1997) trata inicialmente da questão das orações de polaridade sim/não, afirmando que basta manter a estrutura da declarativa e levantar a entoação no final da frase para obter uma pergunta. Quanto aos pronomes interrogativos, menciona as formas *que* e *o que* como variantes, juntas e sem mencionar ênfase ou outra explicação para esse fato. A questão da ênfase aparece mais adiante, quando menciona as formas com *é que* “Portuguese questions often use *é que* in an extended interrogative form (like the French *est-ce que* to add emphasis”² (Tyson-Ward 1997 : 101).

Como na gramática de Tyson-Ward, as autoras de *Portuguese: an Essential Grammar*, Hutchinson and Lloyd (1996) apresentam as formas *que* e *o que* lado a

² Não entraremos na discussão sobre a questão de a expressão *est-ce que* no francês ainda ter um caráter enfático ou não.

lado, sem maiores explicações, o que nos leva a entender que seriam variantes semântica e pragmaticamente equivalentes. Também essa gramática trata da forma com *é que* usando o termo ênfase: “**É que** is often added to the interrogative pronouns to give emphasis” (Hutchinson & Lloyd 1996 : 49).

Essa apresentação dos pronomes *que* e *o que* como meras variantes, sem que a forma precedida de *o* tenha uma idéia de ênfase, representa uma mudança em relação às gramáticas tradicionais brasileiras, as quais continuam tratando a forma *que* como canônica, e apresentam a precedida de *o* como sendo enfática, o que parece realmente não mais ser o caso no Brasil.³

Em sua *Modern Portuguese. A Reference Grammar*, Mário A. Perini (2002) apresenta os pronomes interrogativos distinguindo *que* e *o que*; diz ainda que *que* seria a forma que precederia um substantivo, equivalente ao inglês *which, what*; já *o que* seria a forma independente, equivalente ao *what*, não seguido de substantivo. Essa é uma nova forma de apresentação que significaria uma mudança de paradigma para a gramática do português – pelo menos do PB – para estrangeiros: a forma canônica do pronome interrogativo de complemento direto e sujeito inanimados não mais seria *que*, mas sim *o que*. Quando trata da forma interrogativa clivada com *é que*, Perini vai mais longe:

Wh- questions are very frequently also marked in the spoken language by means of the element *é que*, placed immediately after the preposed element. Thus, the sentence

Que piano você prefere?
‘Which piano do you prefer?’

sounds slightly stilted. The more natural way to ask a question in speaking is

Que piano é que você prefere? **SpBr**
‘id’

The use of *é que* is particularly frequent when the preposed element is only the interrogative word, so that a sentence like

Quem sua mãe vai chamar para a festa?

³ Uma pesquisa preliminar com entrevistas em revistas destinadas a vários públicos, parece corroborar o fato de que a forma canônica *é o que* - pelo menos na escrita - e não mais *que* puro.

‘Whom is your mother going to invite to the party?’

is comparatively rare, and speakers will rather say

Quem é que sua mãe vai chamar para a festa? **SpBr**
‘id.’

(Perini 2002 : 424)

Nota-se que Perini deu um passo além em relação à apresentação dos pronomes interrogativos no PB, afirmando mesmo que formas não clivadas seriam “empoladas” (*stilted* em inglês). Perini em nenhum momento fala de ênfase – termo usado pelas gramáticas normativas para se referir à forma *o que* e à forma clivada com *é que*.

A gramática de Mário Perini também é a única que menciona a forma clivada sem o verbo ser:

In informal speech the form of ser is often omitted, so that one hears sentences like:

Quem que ela mais odiava? **SpBr**
‘Whom did she hate most?’

Para que que você fez esse barulho todo? **SpBr**
‘What did you do all this noise for?’
(Perini 2002 : 424)

Trata-se de uma inovação sem precedente, já que não se trata de uma gramática descritiva, científica, mas sim uma ‘reference grammar’ para aqueles que pretendem falar e escrever o português do Brasil:

(...) most grammars of Portuguese conceal many features of the language because they are not considered correct, that is, they are not present in the formal standard used in written texts. As a result, the foreign student gets a distorted view of the language and ends up speaking “like a book”.(...)

When referring to the spoken language I do not mean the substandard speech of uncultured persons or rural dialects, but the variety of Portuguese used by all educated Brazilians of all professions and regions.

(Perini 2002 : xxii)

Perini leva em consideração fatos de linguagem que estão mudando, mas não deixa de marcá-los de alguma forma, para que os aprendizes do PB saibam que tal forma

pertence à língua falada: a notação **SpBr** (spoken brazilian Portuguese). Perini tece ainda várias considerações acerca das formas clivadas com o verbo ser no pretérito perfeito (*Quem foi que veio?*, p.ex.), que não serão tratados nesta dissertação.

Le Portugais de A à Z, de M. Helena Araújo Carreira & M. Boudoy (1994): essa gramática editada na França apresenta uma abordagem totalmente distinta daquela observada nas gramáticas nos Estados Unidos. O ponto em comum entre todas elas é o fato de apresentarem os pronomes *que* e *o que* como variantes:

2 Que

a/ Pronom: se réfère à des **choses** (« que », « quoi », « qu'est-ce qui » (sujet), « qu'est-ce que » (complément d'objet). Il peut être précédé de *o*.
(Araújo & Boudoy 1994 : 254)

No entanto, as duas autoras tratam longamente da forma anteposta de *o*, mencionado casos em que a anteposição seria obrigatória, outros nos quais seria gramaticalmente incorreta e outros ainda onde seria facultativa.

A anteposição seria obrigatória quando se tratasse de complemento de objeto direto ou predicativo do sujeito. Essa regra não fica totalmente clara, pois os exemplos apresentados são todos de perguntas-eco ou in-situ: “O vizinho diz o quê?”, “Serás o quê?”. As autoras apresentam *que* e *quê* como dois pronomes distintos, sendo o primeiro utilizado quando há movimento *qu-* e o segundo quando se trata de uma forma in-situ. Isso equivale a dizer que a forma in-situ, é sempre precedida de *o*.

A anteposição não seria permitida se *quê* fosse precedido de preposição: “Tens medo de quê?”, “Eles partiram a lenha com quê?”. Nesse caso, parece haver uma diferença entre a norma apresentada pelas autoras e a norma brasileira, pois ambos os exemplos acima parecem ser perfeitamente gramaticais também precedidos de *o*. Os casos facultativos seriam aqueles em que houve movimento *qu-*. Segundo Araújo & Boudoy, a forma precedida de *o* seria a preferida num discurso mais tenso, enquanto que a simples seria preferida na língua corrente:

3 Cas où **o est facultatif** (devant que – toujours – et devant quê interjectif)

a/ Quand que n'est pas précédé d'une préposition. Dans un langage soigné on emploie normalement o que. Dans la langue courante, voire familière, que seul est fréquent.

b/ Quand que est précédé d'une préposition. L'emploi de o est possible mais moins fréquent surtout avec les prépositions courantes como em, de, com.

c/ Quand quê interrogatif a le sens d'une interjection. La différence de niveau de langue est la même que pour (o) que sans préposition.

(Araújo & Boudoy 1994 : 195-196)

É interessante notar que essa gramática é a única a mencionar os casos de pronomes interrogativos ditos *in-situ*. Tal fato, porém, não é de causar estranheza, já que se trata de uma gramática destinada a um público de língua materna francesa, acostumado a esse tipo de construção interrogativa. O francês possui várias formas interrogativas, as quais são apresentadas aos aprendizes de francês desde as primeiras lições (exemplo a ser dado de manuais de francês). O que realmente estranha é o fato de não haver nenhuma indicação sobre o uso das formas, pois se costuma apresentar a forma *in-situ* em francês (*quoi*) como sendo coloquial ou familiar. De todas as regras acima citadas, não se podem depreender regras de uso para o português: *que* e *o que* parecem ser livremente intercambiáveis.

Partindo da expressão gramaticalizada *est-ce* que em francês, as autoras ensinam que *est-ce que* não acompanhado de pronome interrogativo não se traduz em português - diferentemente de Gärtner (1998 :631), o qual menciona exemplos de interrogativas no PB iniciadas por *é que*. Já quando acompanha um pronome ou advérbio interrogativo, dizem as autoras que “Lorsque « est-ce que » renforce un mot interrogatif il se traduit par *é que* (invariable) ou *ser ... que* (*ser* se met au même temps que le verbe suivant)”(Araújo & Boudoy 1994 : 175)

As interrogativas que contêm a expressão invariável *é que* seriam, então, estruturas reforçadas segundo as autoras – equivaleria isso a dizer que são estruturas enfáticas?. Discorrem ainda sobre a inversão do sujeito, afirmando que o uso de *é que*

condicionaria a não inversão do sujeito. Terminam dizendo que as formas com *é que* e *ser... que* seriam muito utilizadas na língua corrente.

2.3 Gramáticas descritivas do português

Celso Luft diz ser sua gramática uma gramática para “professores, alunos e curiosos em geral” (Luft 2001 : xv), não sendo, portanto, exatamente uma gramática científica destinada a um público especializado. No entanto, Luft se apóia em todos os aportes da lingüística moderna para dar um embasamento teórico sólido a sua descrição do português *brasileiro* - como o título da gramática já indica – utilizando para isso tanto teorias formalistas quanto funcionalistas.

No que se refere às interrogativas, Luft lista os pronomes e advérbios interrogativos, acrescentando logo de início que sua característica seria ser “reforçáveis por *é que*” (Luft 2001 : 121). Ao tratar dos pronomes interrogativos substantivos, diz serem eles *que* e *quanto*, mas chama a atenção para o fato de que “(...) para que pronome substantivo vai-se preferindo a forma reforçada *o que*” (Luft 2001 : 121). O fato de serem formas “reforçadas” significaria serem essas formas enfáticas? O mesmo termo foi utilizado pelas autoras da gramática editada na França, a qual foi analisada anteriormente.

A Gramática de Usos do Português, organizada por Maria Helena de Moura Neves, é uma gramática de base funcionalista. Essa gramática não tem um caráter normativo, ainda que forneça informações acerca da aceitabilidade ou não de determinadas formas citadas:

Embora uma gramática de usos não seja, em princípio, normativa, para maior utilidade ao consulente comum a norma de uso é invocada comparativamente, de modo a informar sobre as restrições que tradicionalmente se fazem a determinados usos atestados e vivos.

(Neves 2000 : 14)

O corpus usado tem base em textos escritos, mas o grande número de peças teatrais garante, segundo a autora, uma representatividade da linguagem oral. Não se encontra nessa gramática um capítulo dedicado à interrogação: a interrogação é tematizada em várias seções, como quando se fala por exemplo dos pronomes indefinidos. Surpreende a constatação de que uma gramática tão moderna afirme que:

Embora não abonada pela gramática normativa tradicional, é frequente a interrogação com **O QUE**:

“*O QUE* é, então? (A)

O QUE fora sua vida, afinal? (A)”

(Neves 2000 : 540).

Ao se estudar a bibliografia mencionada por Neves, constata-se que foram consultadas pela autora as mesmas gramáticas que também foram utilizadas para o presente trabalho. Não se pode, portanto, entender o motivo pelo qual Neves afirma que a “gramática normativa tradicional” não abonaria o uso de *o que*. As gramáticas normativas de Rocha Lima, Cunha e Cintra e Bechara em nenhum momento desabonam a forma *o que*, simplesmente a consideram – isso sim provavelmente uma descrição defasada – como uma forma enfática, i.e. não canônica da tradicional *que*.

A segunda informação relevante acerca das interrogativas em Neves (2000) é a lacônica afirmação:

A palavra interrogativa pode ser extraposta ou clivada (é que):

- Esse terrão é meu.
- **E quando é que** você vai se desfazer de tudo? (FP)

(Neves 2000 : 747)

Não é oferecida nenhuma explicação para esse fenômeno e não se mencionam quais seriam as implicações pragmáticas da clivagem. Seguindo a linha de raciocínio

encontrada na própria gramática (Neves 2000 : 331) segundo a qual a clivagem seria um dos mecanismos para realçar a informação, chega-se à conclusão de que a interrogativa clivada é uma forma enfática.

A *Gramática da Língua Portuguesa*, conhecida como sendo “a gramática de Mira Mateus”, é na verdade um trabalho conjunto de quatro professoras universitárias portuguesas. A edição consultada foi a 3^a, de 1987. As autoras não pretendem, como é dito explicitamente no prefácio à obra, fazer uma gramática normativa. Seu objetivo é muito mais uma descrição do português atual, com vistas a seu uso por um público universitário e para professores, pessoas que já tenham uma formação científica em lingüística. Não se trata, no entanto, de uma gramática de base puramente gerativista, como fica claro no prefácio:

No entanto, ainda que se julgue indispensável a importância da procura de universais, da gramática, e ainda que a teoria generativa represente um progresso científico evidente, uma ruptura epistemológica nos estudos da linguagem, é necessário reconhecer que grande parte da produção do sentido fica por explicar. Ponha-se em relevo, sobretudo, a análise da utilização das frases gramaticais que só são interpretáveis se se considerarem os factores pragmáticos que determinam seu uso.

(Mateus et alii 1987 : prefácio)

Além disso, trata-se de uma gramática que tem por base muito mais a norma europeia do português do que a brasileira, ainda que seus primeiros capítulos sejam dedicados às variedades do português. No entanto, consideramos que se trata de uma obra relevante para o presente estudo. As divergências em relação ao PB serão ressaltadas.

As autoras tratam minuciosamente da interrogação, o que não se dá, como foi visto no decorrer desta dissertação, em muitas das gramáticas, principalmente normativas do português. Dividem as autoras as interrogativas em globais, parciais e interrogativas “tag”. Nas interrogativas parciais, com elemento *qu-*, incluem também as interrogativas de “eco”. A definição que é dada das interrogativas é de cunho funcionalista: “As frases interrogativas são a expressão de um tipo de acto ilocutório

directivo, através do qual o LOC pede ao ALOC que lhe forneça uma informação de que não dispõe” (Mateus et alii 1987 : 237).

Ao apresentarem as interrogativas parciais, e mais especificamente o pronome interrogativo *que*, afirmam que “Nas interrogativas independentes (...) que e o que parecem equivalentes. Mas ao nível das construções complexas parecem ter propriedades diferentes” (Mateus 1987 : 240, nota de rodapé). A obrigatoriedade da inversão do sujeito em algumas construções, onde o PB já a perdeu, diferencia as duas variantes do Português.⁴ Tal fato fica claro quando etiquetam de agramaticais no PE perguntas como: “(O) que tu estiveste a fazer?” ou “Onde a Maria trabalha?”, perfeitamente aceitáveis e gramaticais no PB.

No caso das perguntas clivadas, a regra da inversão parece perder sua força, já que são aceitáveis estruturas com e sem inversão do sujeito no PE. Mais relevante para o presente estudo, é, entretanto, a afirmação acerca da clivagem em si: “O uso de *é que* é, aliás, cada vez mais freqüente na construção de interrogativas parciais, sem que isso signifique uma ênfase particular sobre o morfema interrogativo” (Mateus et alii 1987 :243).

Tal afirmação é, de certa forma, relativizada mais adiante, quando, ao falarem sobre interrogativas parciais múltiplas, com dois ou três morfemas *qu-*, dizem:

Em Português, há um processo que permite dar ao primeiro morfema Q um escopo dominante: a utilização de *é que*. Veja-se:

(28) (a') Quem *é que* disparou contra quem?

(b') Quem *é que* disse o quê a quem?

(Mateus et alii 1987 : 245)

⁴ Para mais detalhes sobre a perda da inversão do sujeito no PB, ver RIBEIRO, I. "Sobre a perda da inversão do sujeito no português brasileiro". In: MATTOS e SILVA. (org.) *Para a história do português brasileiro*, Vol. II. São Paulo: Humanitas / Fapesp, 2001, p. 91-126.

Isso significaria dizer que a estrutura *é que* estaria, nas orações interrogativas parciais simples, em processo de gramaticalização, perdendo seu caráter focalizador, de realce ou ênfase, enquanto manteria sua característica de focalizador no caso de interrogações com mais de um elemento qu-.

As autoras tratam sob a mesma denominação “de eco”, as interrogativas *in-situ* e as efetivamente consideradas normalmente na literatura “de eco”. No nosso entender, trata-se de duas estruturas diferentes, identificáveis pela entoação claramente distinta, pois, como as próprias autoras dizem, os objetivos pragmáticos das duas são igualmente distintos: as orações com pronomes interrogativos *in-situ* são uma variante das interrogativas com movimento qu-, já as “de eco” demonstram incredulidade ou pedido de confirmação da informação. Além disso, sabe-se que as interrogativas “de eco” podem ocorrer em línguas que não permitem pronomes interrogativos *in-situ*, como o inglês ou o alemão.

Ainda ao falar das interrogativas “de eco”, as autoras dizem que, caso *o que* não seja movido para a posição inicial, apresenta-se sob a forma “tônica” *o quê*, marcada na escrita pelo circunflexo. É interessante e ao mesmo tempo não muito elucidativo o fato de o adjetivo “tônica” estar no original entre aspas. Significaria tal fato que não se trata realmente de uma forma tônica? Os exemplos fornecidos pelas autoras não esclarecem totalmente a questão.

2.4 Livros didáticos de Português como língua estrangeira

Português para estrangeiros, de Mercedes Marchant, foi editado pela primeira vez em 1954, é um dos clássicos do ensino de português para estrangeiros. A edição consultada para o presente estudo foi a 25^a, de 1988. O intuito da inclusão desse manual na pesquisa é de observar de que forma uma obra tida como conservadora trata a questão das interrogativas no PB. A hipótese mais óbvia seria que fosse apresentada apenas a forma *que*, seguindo a orientação da gramática normativa. Na prática, essa premissa se mostrou incorreta.

A interrogação não é, em nenhum momento, explicitamente tematizada por Marchant, mas, ao ser apresentada a primeira pergunta com o pronome interrogativo *que*, apresenta-se a forma denominada enfática pela gramática tradicional: *o que*, com a ressalva, em nota de pé de página (Marchant 1988 : 48):

- O que¹¹ é Território?

1- O que – que : qual coisa?

Tal explicação eleva de fato a forma dita enfática à condição de forma equivalente, se não canônica, do pronome *que*. Em todo o livro, foram encontradas 30 perguntas com o pronome *que* substantivo, i.e. não acompanhado de substantivo. Dessas 31 formas, 15 apresentavam a estrutura *o que*, 14 das quais com verbos ditos inacusativos, em perguntas do tipo: “o que há, o que está”. 13 formas apresentavam a estrutura *o que é que*, nenhuma com verbos inacusativos. Apenas 3 formas apresentavam a estrutura *que*, mas duas seguidas de *mais*, como: “Que mais pede ele à balconista?” (Marchant 1988 : 174) e apenas uma seguindo o modelo canônico: “Que queres tomar?” (Marchant 1988 : 155).

Mercedes Marchant incluiu em seu livro também um apêndice com o nome “Diálogos elaborados no linguajar do jovem brasileiro”, o qual serviria de contraponto mais coloquial aos textos dos diálogos apresentados nas lições, que seriam mais formais. Nos diálogos supostamente mais coloquiais, aparecem, infelizmente, poucos exemplos de perguntas com *que*, mas as duas formas encontradas são clivadas: “O que é que aconteceu?” (Marchant 1988: 250) e “Que é que você quer?” (Marchant 1988 : 262). Além disso, a forma “Que mais?”, sem verbo.

Interessante é o fato de que tanto nesses diálogos, quanto nos dos diálogos das lições, abundam as formas clivadas também com os outros interrogativos. À medida que as lições passam, formas como *onde é que*, *por que é que* aparecem sem serem explicadas. No apêndice acima mencionado, há três formas *onde é que* contra apenas

uma *onde*; os únicos exemplos com *por que* e *como* também são estruturas clivadas. De um modo geral, pode-se afirmar que Mercedes Marchant já havia se distanciado bastante da gramática normativa, provavelmente pensando no público-alvo, que teria que aprender formas diferentes das preconizadas pela norma escrita brasileira.

Avenida Brasil, livro didático, desenvolvido em São Paulo por uma equipe de profissionais da área de ensino de línguas estrangeiras, foi lançado em 1991, tendo sido reeditado várias vezes, o que demonstra o seu sucesso de vendas⁵.

A versão consultada foi a de 2004, não apresentando, porém mudanças relevantes no período entre seu lançamento e essa edição.

Diferentemente do livro de Mercedes Marchant, *Avenida Brasil* é, em princípio, um manual concebido nos moldes da abordagem comunicativa, como afirmam os autores em seu prefácio:

(...) para poderem comunicar-se com os brasileiros e participar de sua vida cotidiana. O método utilizado é essencialmente comunicativo, mas, em determinado passo da lição, as aquisições gramaticais são organizadas e explicitadas. (...) Sem dúvida, o objetivo maior de *Avenida Brasil* é levar o aluno a compreender e falar. Através do livro de exercícios, no entanto, sua competência escrita também é desenvolvida.

No que se refere à interrogação, tal afirmação parece não se confirmar inteiramente. Em todo o livro, só se encontram perguntas do tipo *o que*, não ocorrendo nenhuma vez uma pergunta clivada. Seria de se esperar que nas perguntas dos enunciados fossem utilizadas as formas reconhecidas pela gramática tradicional, mas que nos diálogos aparecessem formas clivadas. É bem verdade que tampouco é utilizada a forma *que*, considerada pela gramática tradicional como sendo a forma canônica, como já foi visto.

De fato, ao apresentarem num apêndice gramatical os pronomes e advérbios interrogativos, os autores sequer mencionam a forma pura *que*, sendo tal inovação um

⁵ Trata-se do livro didático mais utilizado, p.ex na Alemanha, onde o autor da presente dissertação trabalhou durante muitos anos com o ensino de português.

passo adiante na apresentação da interrogação nos manuais de português como língua estrangeira. Ao que parece, a equipe que elaborou o método Avenida Brasil optou por uma apresentação neutra, escolhendo a forma digamos “neo-canônica”, a qual parece ser a mais neutra e básica. No nosso entender, seria necessário também que se apresentassem as outras formas, ao menos como nota de rodapé.

Bem-vindo, manual, elaborado por uma equipe de três professoras, foi lançado em 1992 em São Paulo e é segundo as autoras em sua apresentação “(...) um livro feito “ao vivo e a cores” para você que quer aprender o nosso português falado como ele é, sem deixar de lado as necessárias referências à Gramática Normativa”. A questão da interrogação é tematizada já na primeira lição, quando se aborda a entoação afirmativa, negativa e interrogativa – somente a interrogação total sim/não. A forma interrogativa quase exclusiva em *Bem-vindo* é a forma *o que*, tanto nos enunciados quanto nos diálogos. O único exemplo de interrogação não-canônica é uma pergunta com pronome interrogativo *in-situ* e que não é uma pergunta-eco: “Você estudou o quê?” (p.35).

Na lição 3, relativamente cedo, são mencionadas as perguntas clivadas, tanto as com a expressão gramaticalizada *é que*, quanto a forma em que o verbo *ser* concorda em tempo com o verbo da interrogativa: “Por que é que você não foi?” e “Quem foi que comeu o bolo?” , “Onde é que você foi ontem ?” (pág. 25). Não se dá nenhum exemplo de estrutura clivada com o pronome interrogativo (*o*) *que*, mas depreende-se que tal estrutura poderia ser também aplicável aos outros elementos interrogativos. Mais adiante no livro, é apresentada uma lista de “alguns problemas da língua culta” (pág. 152), a qual é encabeçada pelas perguntas: “Que você pretende?”e “Afinal, você vai fazer o quê?” Tal apresentação lacônica leva o aprendiz a crer que uma das formas é incorreta, mas como até esse momento a forma *que* pura nunca foi apresentada, faz-se necessária uma explicação mais detalhada por parte do professor,

o qual terá que esclarecer que se trata, respectivamente, de uma forma eminentemente escrita, literária em nossos dias, e outra coloquial e familiar.⁶

2.5 A interrogação no PB em textos teóricos

Said Ali foi um dos primeiros a tratar de questões da Língua Portuguesa de uma maneira semelhante ao que hoje se denomina funcionalista. Tinha ele um interesse pelo estudo histórico-comparativo que vinha de sua formação lingüística adquirida ainda no século XIX, quando esse tipo de estudos eram hegemônicos. Seus trabalhos iam, porém, além da simples reconstrução ou comparação de formas do português de sua época com outras fases de nosso idioma ou do latim.

Como os funcionalistas atuais, buscava ele descrever o câmbio lingüístico de uma perspectiva mais apurada, procurando entender os mecanismos que levaram os falantes a escolher uma determinada forma. Como no caso do pronome interrogativo *o que*, demonstrou ter esta forma surgido por necessidade de suprir uma deficiência no sistema das orações interrogativas indiretas, tendo logo se generalizado para pôr em relevo a interrogação direta (Said Ali 1950a : 11-28), num processo de gramaticalização que parece ter avançado desde então. Cita ainda vários exemplos de perguntas com o pronome interrogativo *in-situ*, pois, segundo ele, o acento oracional dominante deve estar no final da frase, havendo portanto a necessidade de se utilizar a forma reforçada *o que* em frases do tipo: “Dizemos: vais escrever o quê? E não: vais escrever que?” (Said Ali 1950 : 26).

Trata da questão do pronome interrogativo *que* tanto nas *Dificuldades da Língua Portuguesa* quanto na *Gramática Histórica*, aprofundando sua análise mais na primeira obra, na qual rebate a afirmação de Cândido de Figueiredo de que a forma

⁶ *Bem-vindo*, ainda que proponha a ensinar a língua falada “como ela é”, é extremamente preocupado com a norma tradicional, e classifica como errada a forma “Elas viram ela na cidade”, dizendo serem corretas unicamente “Elas viram-na na cidade” e “Elas a viram na cidade”. A nosso ver, seria necessária uma explicação mais condizente com a realidade lingüística do Brasil, que apresentasse a primeira forma como familiar e coloquial, mas não como “errada”.

precedida de *o* não seria aceitável, por não se encontrar em autores clássicos. Quando Cândido de Figueiredo encontrava exemplos em autores mais modernos, considerava que esse períodos “não estavam escritos em português.” Said Ali contesta tal afirmação com exemplos colhidos por ele mesmo e por Heráclito Graça em Garrett, Castilho e Herculano, os quais seriam tão “sãos e escorreitos” quanto os citados por Cândido de Figueiredo. Ao parecer, Cândido de Figueiredo não se deu por vencido e afirmou:

a língua não pode ter uma *syntaxe* no século XIX e outra no século XVI: o que era erro ha tres seculos , era erro fatalmente no século XIX, e erro será emquanto houver língua portugueza.

(apud Said Ali 1950 :29)

Uma visão extremamente conservadora e contra tudo o que já naquela época deveria saber-se acerca de mudança lingüística. Said Ali reage a tal afirmação dizendo:

De maneira que a *syntaxe* portuguesa, diversamente da de outras línguas, convertida em esfinge no século XVI, imóvel e hirta, nunca mais pôde criar um único fato novo, não sofreu, de então para cá, nem a mais leve mudança de um só fenômeno, nem a perda mais insignificante?

(Said Ali 1950 : 29)

Said Ali afirma que a construção interrogativa *o que* seria um fato relativamente recente na língua, já que não encontrara exemplos em autores mais antigos⁷, mas que seria perfeitamente usual já na sua época, no início do século XX – visão sincrônica – tanto na língua familiar quanto na literária. Para ele, aquela mudança lingüística já havia se consolidado o bastante para ser aceita. O seguinte parágrafo demonstra bem a posição de Said Ali com relação à mudança lingüística:

Ignora-se a data ou momento exato do aparecimento de qualquer alteração lingüística. Neste ponto nunca será a linguagem escrita, dada a sua tendência conservadora, espelho fiel do que se passa na linguagem falada. Surge a inovação, formulada acaso por um ou poucos indivíduos; se tem a dita de agradar, não tarda a generalizar-se o seu uso no

⁷ Cf. (Said Ali 1950 : 31) „Remontando a outros períodos da língua, notamos então que essa prodigalidade vai diminuindo pouco a pouco até faltarem, por fim, os vestígios de o que em interrogações diretas.”

falar do povo. A gente culta e de fina casta repele-a, a princípio, mas com o tempo sucumbe ao contágio. Imita o vulgo, se não escrevendo com meditação, em todo o caso no trato familiar e falando espontaneamente. Decorrem muitos anos, até que por fim a linguagem literária, não vendo razão para enjeitar o que todo o mundo diz, se decide também a aceitar a mudança. Tal é, a meu ver, a explicação não somente de fatos isolados, mas ainda do aparecimento de todo o português moderno.

(Said Ali 1950b : 50)

O autor vê a fase da língua portuguesa na qual viveu sincrônica e diacronicamente, e sabe que o estado que conhece é resultado das mudanças ocorridas anteriormente. Analisa a trajetória de *o que* originariamente como forma enfática, a qual, por sua vez, se originara de uma necessidade de distinção nas orações indiretas, já que antigamente frases como *Dize que comes* eram ambíguas, tendo sido substituída por *Dize o que comes*. Tal análise nada mais é do que um clássico trabalho de gramaticalização: uma forma que era utilizada com uma função acaba se especializando nela e se gramaticalizando.

Na época em que Said Ali escreveu essas explicações, parece que o pronome interrogativo *o que* ainda não se havia gramaticalizado totalmente, por isso a polêmica com Cândido de Figueiredo, que ainda considerava essa forma estranha à língua portuguesa, devendo portanto ser banida da escrita. Hoje, a forma *o que* é de fato pelo menos aceita como *uma* das formas canônicas, tendo suplantado a forma simples *que* na linguagem oral e na escrita, ainda que algumas gramáticas todavia considerem a forma *o que* enfática ou como “não abonada pela gramática normativa tradicional”⁸, como já foi visto neste trabalho.

Ao consultarmos tanto a *Gramática Elementar* quanto a *Gramática Secundária* de Said Ali, constatamos que ele lista o pronome interrogativo *o que* como uma forma possível do pronome *que*, sem entrar em detalhes sobre sua função enfática. Parece essa ser uma decisão bastante coerente com sua postura de não sobrecarregar o material didático, só se referindo a questões mais profundas e complexas em obras para um público mais interessado e preparado para entender questionamentos mais

⁸ Cf. (Neves 1999a : 540) “Embora não abonada pela gramática normativa tradicional, freqüente a interrogação com **O QUE**.”

elevados. Por esse motivo, só levanta a questão da gramaticalização do *o que* nas *Dificuldades* e na *Gramática Histórica*.

Embora Said Ali discorra longamente sobre o papel importante da entoação para logo tratar da função enfática e focalizadora da expressão é que (Said Ali 1950 a : 1-16), não menciona explicitamente a sua utilização nas interrogativas clivadas. Há um único exemplo de interrogativa clivada em uma citação por ele utilizada para abonar, na verdade, a forma *o que*, cuja legitimidade queria provar: “*O que é o que eu vejo? Estes gritos, que são? (Cast. Metam. 154)*” (apud Said Ali 1950 a : 17). Mesmo assim, põe bastante ênfase na explicação para o aparecimento da forma *o que* no fato de terem os pronomes interrogativos do português se tornado átonos:

O pronome que, significando que coisa, teria intonação forte antigamente: não carecia de esteio algum. Mas não se conservou sempre assim; a sua tonalidade enfraqueceu-se em parte e a perda teve de ser compensada pela anteposição de um elemento reforçativo, de uma palavra atona, ao lado da qual se destacasse a sua pronúncia, quando assim o exigia a ênfase e a clareza.

(Said Ali 1950 a : 18)

Pode-se afirmar, então, que já no início do século XX, a forma *o que* era corrente no PB, segundo o testemunho abalizado de Said Ali, que a forma *in-situ* também era conhecida – ainda que pelos exemplos não se possa depreender se se tratavam de perguntas “de eco” ou de verdadeiras *in-situ*. Sobre a forma interrogativa clivada, não nos fornece o mestre Said Ali subsídios suficientes para levantar hipóteses.

Em seu artigo “Estudo diacrônico sobre as interrogativas do Português do Brasil”, publicado no clássico volume editado por Mary Kato e Ian Roberts em homenagem a Fernando Tarallo, Lopes Rossi tem por objetivo tratar na verdade da questão - já mencionada anteriormente no presente trabalho – da perda da inversão do sujeito no PB nas orações interrogativas.

Partindo de um corpus de textos de peças de teatro (do período clássico até o século XX) e de programas de televisão e de conversas espontâneas coletadas para o

português moderno do século XX, Lopes Rossi analisou o desenvolvimento da perda ou não da inversão do sujeito. Seus dados, porém, podem ser úteis para esta pesquisa, na medida em que também tratam da posição do elemento *qu-* e de sua clivagem ou não. Nos dados do período compreendido até o século XVII, não há nenhum exemplo de clivagem ou de interrogação *in-situ*. Exemplos de clivagem só aparecem no século XVIII, com uma taxa de ocorrência de 2%.

Interessante é notar que a clivagem tinha a forma *que é o que*, e que todos os exemplos dados por Lopes Rossi apresentam o pronome interrogativo como sendo *que*, e não *o que*. O fato de ter a forma clivada baixa porcentagem, leva a autora a crer que se tratava de uma forma enfática, como o era a forma *(qu')est-ce que* no francês medieval (Lopes Rossi 1993 : 316). Também é interessante notar que as clivadas só ocorriam nesse momento com o pronome *que*, pois havia uma restrição à formação de clivadas com outros elementos que não fossem sujeito ou objeto.

Nos dados a partir do século XIX, já se pode notar uma mudança paramétrica: a perda do movimento do verbo nas interrogativas com movimento de *qu-*. Já na segunda metade do século XX, pode-se observar que o movimento *qu-* não é mais obrigatório⁹. Os dados de Lopes Rossi comprovam ainda um aumento nas interrogativas clivadas, o surgimento da forma *Qu que NP V*, que a autora supõe ser uma forma mais informal de *Que é que NP V* e uma grande porcentagem de interrogativas com *qu-* não movido.

Como Lopes Rossi distingue dados de peças de teatro e de língua falada para o português brasileiro atual, constata-se que as clivadas perfazem respectivamente 37,5% e 36% das ocorrências. Somente na língua falada se encontram exemplos de interrogativas clivadas sem a cópula: a metade dos 36%. Além disso, as interrogações com *qu- in-situ* alcançam 8% nos textos de peças de teatro e 31% na linguagem

⁹ Os exemplos que Said Ali aduziu poderiam demonstrar que a perda do movimento *qu-* já havia sido iniciada anteriormente, mas a data dos mesmo teria que ser confirmada, bem como uma análise que possibilitasse distinguir perguntas-eco de interrogativas sem movimento *qu-*.

falada. Todos esses números levam à conclusão que a linguagem oral apresenta modernamente 67% de formas interrogativas não-canônicas.

Se levarmos em consideração que nos dados de Lopes Rossi estão incluídos todos os interrogativos: pronomes e advérbios, pode-se supor que a taxa de formas não-canônicas do pronome interrogativo *que* seja ainda mais elevada, já que esse pronome foi o que primeiro apresentou a forma clivada. Segundo Lopes Rossi, o aparecimento do pronome interrogativo não-clítico, i.e. tônico *o que*, foi o responsável não só pela perda da inversão, como também pelo surgimento da forma *in-situ*, tônica por natureza.

Para a autora, o PB não teria perdido o pronome interrogativo átono *que*, mas o teria restringido às formas *Que N NP V* e *Que é que NP V*, onde estaria cliticizado. (Lopes Rossi 1993 : 330-331). A forma clivada, inicialmente apenas restrita à pergunta com o pronome interrogativo *que*, teria se disseminado para todos os operadores *qu-*. (Lopes Rossi 1993 : 332)

Mary Kato tem publicado vários artigos sobre a questão das interrogativas em português, inseridos em sua linha gerativista, na qual inclui orações relativas e clivadas, no que comumente se denomina construções-*q*. Em seu artigo escrito com outras 4 estudiosas do assunto para o projeto Gramática do Português Falado¹⁰, Kato (1996) apresenta as interrogativas do PB como sendo:

- a. de movimento *qu-*
- b. clivadas com e sem cópula
- c. *in-situ*¹¹

¹⁰ Kato, Braga, Corrêa, Rossi & Sikanski (1996) As construções-Q no Português Brasileiro Falado: Perguntas, Clivadas e Relativas. In: KOCH, I. G. V. (org.) *Gramática do Português Falado Vol. VI. Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp.

¹¹ Lessa de Oliveira (2003) menciona um tipo de clivada adicional atestado no dialeto baiano, com a estrutura *é Que que*.

Discorre sobre vários artigos que tratam da interrogação em português, mas todos com o objetivo de tentar explicar a perda da inversão do sujeito. Por isso, descartou de seus dados do projeto NURC todas ocorrências de interrogativas com pronome *in-situ*, as quais perfaziam um total de 16 em 200, ou seja, 8%, já que, nesse tipo de construção, a ordem dos elementos da frase permanece inalterada. Kato atenta porém para o fato de que as interrogativas *in-situ* seriam uma característica do PB que já responderiam por um total de 10% das ocorrências, o que apontaria para uma mudança na estruturação desse tipo de sentença. (Kato 1998 : 348-349)

A autora, como Duarte (1992) e Rossi (1993), também vê uma relação entre o surgimento do expletivo *é que* na segunda metade do século XIX e a perda da inversão. Infelizmente, seus dados estatísticos não representam nenhum avanço para a presente pesquisa. Em outro artigo, Kato (Kato & Miotto, 2005) cita os vários tipos de interrogativas no PB, comparando-as com as do PE, mas sempre com o intuito de explicar a perda da inversão do sujeito no PB. Partindo de um corpus de textos escritos composto por peças teatrais e artigos de jornais, Kato diz que o PB e o PE têm em comum:

- interrogativas com movimento qu-
- interrogativas clivadas com *é que*
- interrogativas *in-situ* (ainda que muito mais produtivas no PB)

A forma clivada sem o verbo *ser* não é atestada no PE segundo os dados de Kato. A conclusão à qual chega Kato em seu artigo é que:

The triggering element for the loss of VS in BP is proposed to be the wh-complementizer *que*, which is assumed to be the result of the grammaticalization of *é que*. The empirical facts suggest that EP may be starting the same process of change.

(Kato & Miotto 2005 : 80)

Tal conclusão não acrescenta muito ao presente estudo, mas corrobora a hipótese segundo a qual a forma clivada se encontra provavelmente em um processo de expansão ou de consolidação como forma canônica na linguagem falada.

Ainda que não tenha tratado a fundo do tema interrogação, Mattoso Câmara constata em sua clássica *História e Estrutura da Língua Portuguesa* que:

No português moderno, entretanto, quer em Portugal, quer no Brasil, há para o emprego substantivo de que uma variante o que (na realidade um vocábulo indivisível /uke/, considerado muitas vezes “pouco correto” dentro da língua literária, vivo e bem radicado na língua comum.

(Mattoso Câmara 1979 - 112)

Acrescentando ainda como nota de rodapé a essa exposição:

Dentro da gramática normativa da língua literária, Said Ali foi talvez o único a dar preferência à interrogativa o que, baseando-se na estética fônica (maior relevo assim obtido pela partícula) (Ali 1930, 26)

(Mattoso Câmara 1979 – 112 – nota de rodapé)

Mattoso Câmara corrobora então as observações feitas por Said Ali quanto à forma do interrogativo precedido de o, colocando-o como uma variante e sem mencionar um suposto valor enfático. Tampouco menciona formas clivadas ou *in-situ*. Como Mattoso Câmara viveu na segunda metade do século XX, seguindo o exposto por Lopes Rossi (1993), ele provavelmente conheceria tais formas, mas elas provavelmente ainda não haviam atingido a frequência que é observada hoje no português falado.

2.6 Estudos sobre a interrogação em francês

Dentro do quadro das línguas neolatinas, o francês apresenta um desenvolvimento em muitos pontos paralelo ao do PB no que diz respeito à interrogação. O francês atual apresenta três tipos básicos de interrogativas qu:

- com qu deslocado: Que faites-vous?
- com qu in-situ: Vous faites quoi?
- com est-ce que : Qu'est-ce que vous faites ?

A forma aparentemente clivada, representa, na verdade, a forma mais neutra na linguagem moderna, tendo perdido sua função enfática. A forma *qu'est-ce que* surgiu já no francês antigo (de 1100 a 1350), como nos ensina Magali Rouquier (2002), sendo ainda nessa fase da evolução da língua de caráter facultativo e realmente com valor enfático. Essa forma teria iniciado seu processo de gramaticalização já no chamado francês médio (*français moyen*, de 1350 a 1500) até se tornar um dos mecanismos da interrogação em francês:

Cet article propose une description diachronique du marqueur de l'interrogation est-ce que. Ce marqueur de l'interrogation est propre du français. Les autres langues romanes n'utilisent pas d'équivalent de marque spécifique de ce type.

(Rouquier 2002 : 97)

Rouquier (2002) lembra, porém, em uma nota de rodapé a essa introdução, que o português também possui uma forma paralela à estrutura francesa: *o que é que*. Uma diferença importante para com o português é o fato de que *est-ce que* se gramaticalizou em francês também nas interrogações totais, o que não ocorreu no PB. Perguntas do tipo *Est-ce que vous venez?* Não pode ser traduzida em português com *é que*: **É que vocês vêm?* é agramatical no PB.

Essa forma com *est-ce que* teria se disseminado em francês já no século XVI em francês. Rouquier (2002) afirma que esse fenômeno teria permitido a reestruturação dos componentes nas orações interrogativas em francês, para se obter uma estrutura SVO similar àquela já estabelecida para as frases não-interrogativas. Essa correlação entre mudança da ordem das frases interrogativas, especialmente sua clivagem e perda da inversão do sujeito também foi atestada no PB¹².

¹² Cf. Kato & Miotto (2000)

Benjamin Massot em sua Mémoire de DEA de Sciences du Langage, apresentada à Universidade de Paris 8 Vincennes, Saint Denis, em 2003, intitulada « *Éléments linguistiques pour une vision diglossique du français contemporain* », defende a tese segundo a qual haveria, como o título de seu trabalho diz, uma divisão diglósica no francês europeu: o francês falado por algumas camadas da população diferiria em muitos aspectos radicalmente do *bon usage* aprendido nas escolas.

Um dos pontos que o autor estuda é justamente a interrogação, que, como já foi dito no presente trabalho, apresenta várias formas também em francês. Seu questionamento é se as várias formas da interrogação seriam determinadas por motivos pragmáticos ou por contextos sociolinguísticos específicos. Citando Coveney (1996), afirma que a resposta é que ambos os fatores são relevantes.

No que diz respeito à forma canônica com inversão do sujeito e movimento *qu-*, teria sido constatado que essa variante não faria parte da gramática do francês coloquial, ainda que as gramáticas normativas reconheçam nessa forma a “verdadeira” forma interrogativa. Os poucos exemplos colhidos teriam sido casos de expressões do tipo “*Comment allez-vous? e Comment dirais-je?*”, sendo a segunda lexicalizada e a primeira uma fórmula que apresenta características de lexicalização. As formas com *est-ce que* e as *in-situ* seriam as mais utilizadas e teriam ainda funções pragmaticamente distintas. As diferenças pragmáticas entre as duas formas deixam claro segundo o autor que:

On peut conclure provisoirement que les interrogatives permettent à la fois d’opposer le FD et le FC et montrer que deux variantes syntaxiques, sémantiquement équivalentes, peuvent très bien cohabiter dans une grammaire tant qu’elles ne représentent pas des doublons du point de vue pragmatique et discursif.

(Massot 2003 : 49-50)

O que Massot (2003) denomina de FD é o francês popular (*français demotique*) e FC francês normativo (*français classique*). Um dos objetivos do presente trabalho seria tentar demonstrar se no PB ocorre a mesma coisa, i.e. se as várias formas atestadas pelos estudiosos para a interrogação em português têm apenas uma repartição do tipo

“língua escrita/língua falada”, ou se há realmente diferenças pragmáticas entre elas, por exemplo, se a forma clivada já alcançou realmente o grau de gramaticalização atingido pela forma *est-ce* que em francês, tendo portanto perdido totalmente seu valor de focalização e ênfase originais.

A forma *que que*, clivada sem cópula, a qual não é mencionada por nenhuma gramática normativa do português brasileiro, mas somente por trabalhos de cunho mais científico e descritivo, como já foi visto na presente investigação, parece ter formas equivalentes no francês europeu, conforme atesta Rugero Druetta (2002), as quais seriam formas foneticamente reduzidas da forma *est-ce que*, do tipo: *Qu'est-ce tu veux?* por *qu'est-ce que tu veux?* ou *Combien que ça fait?* por *combien est-ce que ça fait?*. Tais formas seriam desprezadas pela gramática normativa do francês.

Corroborando de certo modo uma hipótese inicial do presente trabalho, segundo a qual o pronome *que* funcionaria de forma distinta dos outros pronomes e advérbios interrogativos, Druetta atesta para o francês um percentual de mais de 90% nas ocorrências com *est-ce que* com o pronome interrogativo *que*, e apenas 3% para *où* e 1,5% para *quand*. Druetta conclui que tal fato se deve ao caráter de clítico do pronome interrogativo *que*, sendo desprovido de acento próprio, e seu pouco relevo fonético. Para esse fato já atentara, em relação ao português Said Ali, em seu estudo efetuado na primeira metade do século XX citado no capítulo 7 da presente dissertação.

2.7 Material Didático para Francês como Língua Estrangeira

Tendo o francês uma maior tradição como língua estrangeira do que o português brasileiro, seria de se esperar que o material didático para essa língua refletisse mais os avanços alcançados pelos estudos lingüísticos. De fato, ainda que a gramática normativa do francês continue a apresentar a forma com elemento *qu-* deslocado e inversão do sujeito como sendo a forma canônica e, em decorrência, a mais “correta”, também apresenta as demais formas já vistas no presente estudo:

(...) les pronoms interrogatifs sont, souvent dans la langue parlée et parfois dans langue écrite, suivis de *est-ce qui* (si le pronom est sujet), *est-ce que* (si le pronom a une autre fonction, y compris celle de sujet réel).
(Grevisse 1988 : 1107)

Les mots interrogatifs sont en tête de la phrase, soit dans l'interrogation de type soigné (...): QUAND pars-tu ? – soit quand ils sont accompagnés de l'introducteur *est-ce que* ou de ses variantes (...): QUAND *est-ce que* tu pars ? – soit dans le tour généralement tenu pour relâché (...): QUAND tu pars ?
Cependant, le mot interrogatif est à la place qu'occuperait dans une phrase énonciative l'élément dont il joue le rôle : 1° dans l'interrogation de type familier (...): Tu pars QUAND ?

(Grevisse 1988 : 634)

A descrição feita é de cunho sociolingüístico, na medida em que descreve todas as formas atestadas – exceto a equivalente à forma *que que* do português brasileiro – mas as categoriza segundo critérios do tipo: *soigné* (cuidado), *familier* (familiar) e *relâché* (coloquial). Somente a forma com *est-ce que* não recebe menção especial neste capítulo, sendo, porém, mais tarde, descrita como pertencendo à *langue courante*. Segundo os autores, ainda que as formas clivadas sejam consideradas por alguns pesadas e pouco elegantes, já eram usadas pelos clássicos e a Académie Française as cita sem nenhum tipo de ressalva, o que equivaleria a dizer que seriam canônicas e bem formadas. A estrutura clivada com *est-ce que* seria especialmente frequente com *que (qu'est-ce que)*: “Il faut reconnaître que *est-ce que (qui)* est particulièrement fréquent après les pronoms *qui* et surtout *que*, assez fréquent après où, quand ; il est plus rare dans la langue soignée après *comment* et *pourquoi*.”
(Grevisse 1988 : 651).

Maïa Grégoire apresenta em sua *Grammaire progressive du français. Niveau Débutant* as interrogativas sobre sujeito ou objeto inanimados do francês como sendo :

Que, quoi, qu'est-ce que remplaçant une chose :

Formel	Courant	Familier
Que cherchez-vous ?	Qu'est ce que vous cherchez ?	Vous cherchez quoi ?

(Grégoire 1998 : 130)

A divisão feita pela autora é de ordem sociolingüística, e não pragmática, contrariamente ao que atestou Massot (2003), que afirma haver também um componente pragmático na escolha das formas, pelo menos entre o que a autora denomina *courant* e *familier*. É interessante notar que na gramática dedicada a um nível mais avançado (*intermédiaire*), a autora só apresenta duas possibilidades para a interrogação:

Qui interrogatif porte sur une personne et que sur une chose :

- Qui cherchez-vous ? - Qui est-ce que vous cherchez ?
- Que cherchez-vous ? - Qu'est-ce que vous cherchez ?

(Grégoire & Thevenez 1999 : 140)

O livro didático adotado pela Aliança Francesa do Rio de Janeiro e por várias instituições em outros países, como no caso da Alemanha, é o manual *Forum*, editado na Espanha por uma equipe de professores catalães. Já nas duas primeiras lições aparecem estruturas interrogativas que partem dos princípios que foram constatados por Massot (2003):

- na língua falada, há um grande número de estruturas *in-situ*:

Ça s'écrit comment ? (p16) ;

Vous vous appelez comment ? Tu t'appelles comment ? (p 33)

Le train part d'où ?; Vous partez quel jour ? (p.44)

- as estruturas clivadas são predominantes:

Qu'est-ce que tu racontes ? (p.43) ; Où est-ce que vous allez ? (p. 43)

Quand est-ce que vous êtes libre ? (p. 69)

- estruturas com inversão do sujeito, seguindo o modelo canônico tradicional só ocorrem em expressões fixas:

Comment allez-vous ? (p. 40) ; Quel est votre nom? (p. 51)

Observa-se uma tendência a se ensinar ao aprendiz de francês como língua estrangeira principalmente as formas interrogativas coloquiais, em detrimento de

formas eminentemente escritas. No *mémento grammatical*, onde é apresentada uma explicação mais detalhada dos fenômenos gramaticais, são enfocadas quase que exclusivamente as estruturas com *est-ce que* e as com pronomes interrogativos *in-situ*. Não são fornecidas informações acerca de serem essas formas determinadas por contextos sociais ou pragmáticos, sendo elas simplesmente apresentadas como as formas efetivamente utilizadas para solicitar informação sobre um elemento.

De qualquer maneira, nota-se no material destinado ao ensino de francês, um maior alinhamento com os estudos lingüísticos e uma preocupação em oferecer ao aprendiz do idioma elementos que permitam que ele interaja de forma eficaz com os falantes nativos do idioma – o que não se observa no material por nós analisado para o PB.